

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Mestrado em Ciência Política

Caio Marcondes Ribeiro Barbosa

OS FIÉIS DA UNIVERSAL NA ELEIÇÃO DE 2014:
UM ESTUDO DE CASO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Trabalho preparado para apresentação no
V Seminário Discente da Pós-Graduação em
Ciência Política da USP, de 4 a 8 de maio de
2015.

São Paulo

Março/2015

Resumo

Este trabalho, resultado de um estudo de caso com pesquisa de campo durante a eleição presidencial de 2014 em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus na periferia de São Paulo, analisa o impacto da religião e do posicionamento da igreja sobre a decisão do voto. O objetivo foi entender como a religião incidiu sobre a base eleitoral lulista em um pleito muito apertado.

1. Introdução

O crescimento expressivo do número de evangélicos na sociedade brasileira é um dos aspectos mais marcantes revelados pelas pesquisas demográficas das últimas décadas. De acordo com os dados dos Censos realizado pelo IBGE, o número de evangélicos tem crescido de maneira consistente, saltando de 6,6% da população em 1980¹ para cerca de 9%² em 1991, 15,4% em 2000³ e 22,2% em 2010⁴. Em 2013, o instituto Datafolha já identificava que cerca de 28% da população brasileira era composta por evangélicos⁵. Com o declínio do percentual de católicos, os evangélicos, além de se consolidarem firmemente como o segundo maior grupo religioso no país, avançam rapidamente para incluir mais de um 1/4 da população, um tamanho mais do que considerável. Como consequência deste aumento, os evangélicos se tornam uma força relevante na arena político-eleitoral.

Isso explica o fato de a religião ter assumido um rol importante na eleição presidencial de 2010. De acordo com Maria das Dores Campos Machado (2012), houve um movimento encabeçado por bispos e pastores em combate à candidatura de Dilma Rousseff, muito em razão de suas declarações prévias em apoio a questões como a descriminalização do aborto⁶. Mesmo sem ser possível estabelecer uma relação direta

¹ Fonte: IBGE, Censo 1980

² Fonte: IBGE, Censo 1991

³ Fonte: IBGE, Censo 2000

⁴ Fonte: IBGE, Censo 2010

⁵ Fonte: G1.com.br, 21 jul. 2013

⁶ Fonte: IstoÉ, 07 mai. 2010.

entre os fatos, apesar de ter o apoio do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, então com altíssima popularidade, a candidata petista venceu a disputa apenas no 2º turno, no qual superou Serra por mais de 12 milhões de votos⁷, tornando-se, enfim, a primeira mulher eleita presidente do Brasil.

Tendo em vista o crescente número de evangélicos no eleitorado nacional, a presente pesquisa buscou compreender melhor o processo de escolha de candidatos de evangélicos, em particular neopentecostais, durante o processo eleitoral de 2014. Devido às limitações de espaço, este trabalho irá, no entanto, apresentar apenas os resultados encontrados em relação à eleição presidencial. Considerando que o universo evangélico é rico e diversificado, há muitas minúcias que estudos quantitativos não conseguem revelar sobre o comportamento eleitoral deste grupo, como possíveis divergências de uma denominação para outra, assim como a influência do discurso dos pastores no comportamento eleitoral de seus fiéis. Assim, por meio de um estudo de caso, em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro de Piraporinha, na periferia sul de São Paulo, o trabalho foi realizado com métodos qualitativos de pesquisa de campo etnográfica e entrevistas semiestruturadas, para esclarecer mais sobre este crescente estrato da sociedade brasileira e seu pensamento político contemporâneo e sobre as particularidades do caso estudado.

2. Metodologia e hipóteses do trabalho

O presente trabalho parte da tese de André Singer (2012), de que os setores mais pobres da população, em especial o subproletariado⁸, teriam aderido ao lulismo em 2006. Apesar de a maior parte do grupo entrevistado não se configurar como subproletariado, tendo tido uma ascensão social nos últimos anos, a tese de Singer sugere que tais setores, que podem ser considerados uma nova classe trabalhadora, pois adquiriram empregos com carteira assinada e tem renda familiar mensal de 2 a 5 salários mínimos (também

⁷ Fonte: TSE

⁸ O subproletariado é apontado por Singer como a população que “vive com uma renda aquém daquela que permitiria a reprodução de sua força de trabalho em condições ‘normais’” (SINGER, 2013: p. 24), geralmente trabalhando sem carteira assinada e muitos dos quais são atendidos por programas como o Bolsa Família.

conhecida como classe C, ou “nova classe média”), são também próximos do lulismo, como confirma o publicitário Renato Meirelles, sócio do Data Popular, em entrevista para o jornal Folha de São Paulo⁹. Assim, o trabalho buscou analisar o comportamento eleitoral deste grupo quando submetido a uma pressão religiosa em um pleito particularmente disputado.

É importante notar que o PT é historicamente a favor de medidas como a criminalização da homofobia (que a então candidata Dilma defendeu durante as eleições de 2014¹⁰) e a descriminalização do aborto (tema do qual Dilma recuou durante as eleições de 2010¹¹ após estar presente no programa do seu partido¹²), ideias às quais o eleitorado evangélico geralmente se opõe, o que poderia ser motivo para afastá-los de apoiar o partido. Portanto, cria-se um dilema: por sua aproximação do lulismo haveria uma pressão para o voto em candidatos do PT¹³; por outro lado, em razão do conservadorismo deste eleitorado em relação a alguns temas citados, haveria uma pressão para o voto em candidatos considerados distantes do campo do PT.

Outro fator a ser considerado é a presença de candidatos evangélicos a presidente da República no pleito de 2014. Simone Bohn (2007) classificou os evangélicos como um grupo de identidade; ou seja, o fator fundamental para a sua escolha do voto seria a identidade evangélica, o que explicaria a concentração do voto em 2002 no candidato Anthony Garotinho – que se apresentou aos eleitores como representante evangélico – e a sua dispersão em 2006, na ausência de um candidato deste segmento religioso¹⁴. Em 2010, a presença de outra candidata evangélica, Marina Silva, então no PV, reforçou o caráter da identidade evangélica na decisão do voto deste eleitorado. De acordo com o cientista político Cesar Romero Jacob, a votação de Marina Silva foi mais alta justamente em municípios de maior concentração de evangélicos, indicando a sua força entre este

⁹ Fonte: Folha de São Paulo, 04 out. 2010.

¹⁰ Fonte: G1.com.br, 01 set. 2014.

¹¹ Fonte: Estadão.com.br, 15 out. 2010.

¹² Fonte: Folha de São Paulo, 05 out. 2010.

¹³ Na 372ª Zona Eleitoral, onde o templo pesquisado se encontra, dos 15 deputados federais mais votados, 5 eram do PT, o maior número de um mesmo partido (Fonte: TSE).

¹⁴ É notável destacar que, de acordo com a autora, mais da metade dos eleitores evangélicos declarou ter votado em Garotinho no 1º turno de 2002. No 2º turno, mais de 60% destes eleitores migraram para Lula. A dispersão do voto em 2006 ocorreu já no 1º turno, sem Garotinho na disputa, o que indicaria como os evangélicos agiam como um grupo de identidade.

grupo religioso¹⁵. Em 2014, Marina retorna ao pleito após a morte de Eduardo Campos. Ao mesmo tempo, houve a presença de um novo candidato evangélico, o Pastor Everaldo, do pouco expressivo Partido Social Cristão, o PSC. A pesquisa buscou, então, testar a hipótese de Bohn sobre o poder de atração de candidatos evangélicos sobre eleitores que seguem a mesma fé, apesar de pertencerem a diferentes denominações (ambos os candidatos eram da Assembleia de Deus).

Em relação à questão da influência exercida pelos pastores na decisão do voto, que pode orientar os fiéis de sua igreja a apoiar um candidato ou outro, a escolha de um templo da Igreja Universal do Reino de Deus ocorre também por motivos específicos: é a quarta maior denominação evangélica do país¹⁶, e a maior das neopentecostais, que seguem a chamada Teologia da Prosperidade¹⁷. Na eleição anterior para presidente, em 2010, seu líder, o bispo Edir Macedo, manifestou apoio à então candidata Dilma Rousseff, do PT¹⁸. Entretanto, a Teologia da Prosperidade considera o enriquecimento uma forma de benção divina, valorizando a recompensa pelo esforço e a devoção divina, o que pode ser incompatível com a ideia de políticas assistencialistas para os mais carentes praticadas pelo governo, e tornando o apoio contraditório.

A conjunção desses fatores torna, assim, a pesquisa interessante para descobrir quais influências se revelam mais decisivas na escolha de candidatos deste eleitorado, num típico cenário descrito por Lipset (1967) como de “pressões cruzadas”. Para identificar os fatores mais decisivos no comportamento eleitoral do grupo pesquisado, foi feito um estudo etnográfico na pesquisa de campo, frequentando os cultos para acompanhar o dia-a-dia e as discussões dos fiéis sobre variados temas no templo, além dos tópicos abordados pelo pastor e pela direção da igreja, com ênfase em questões políticas. Ao mesmo tempo, uma série de entrevistas foi realizada durante e poucas semanas após o período eleitoral para aprofundar as percepções surgidas no trabalho de

¹⁵ Fonte: Carta Capital, 17 set. 2014.

¹⁶ As outras três maiores são: 1º - Igreja Assembleia de Deus; 2º - Igreja Evangélica Batista; 3º - Igreja Congregação Cristã do Brasil (Fonte: IBGE, Censo 2010).

¹⁷ De acordo com Mariano, as igrejas neopentecostais “caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (MARIANO, 2004, p. 124).

¹⁸ Fonte: Folha de São Paulo, 22 out. 2010.

campo. O intuito foi o de explorar os mecanismos que determinaram o comportamento eleitoral em 2014.

A presente pesquisa buscou analisar se o grupo estudado segue um padrão de voto de classe, ainda que mediado pelo lulismo, ou se a religião determina o seu voto, independente de considerações de classe. Trabalhamos com a hipótese de que os fiéis da IURD estudados se pautam mais pela questão de classe na escolha do presidente da República. A questão moral teria menos peso na disputa presidencial (a não ser que virasse tema de debate amplo ou se reforçado pelos líderes da igreja). Contrariando a tese de Simone Bohn – de que a mera presença de um candidato evangélico seria suficiente para reunir e mobilizar o eleitorado evangélico em torno de uma candidatura – quisemos testar a ideia de que a pressão religiosa pesa pouco na escolha presidencial.

Para testar estas hipóteses, as entrevistas utilizadas não foram completamente estruturadas de modo que as respostas já fossem presumidas. Como Leech (2002) sugere, há grandes benefícios em se buscar um caminho por meio de entrevistas semiestruturadas, permitindo a observação de caráter mais etnográfico sem deixar de testar hipóteses. O uso de entrevistas semiestruturadas significa que, embora sigam um roteiro, elas não são fixas, sendo abertas o suficiente para outros tipos de perguntas serem adicionadas no momento, inclusive as mais básicas como “por quê”, “como”, “quando”, “onde”, entre outras.

3. A escolha da igreja em Piraporinha

Definidas a intenção da pesquisa e a denominação a ser estudada, era preciso encontrar um local que cumprisse as condições necessárias para a realização do trabalho: um templo nem muito grande, que dificultasse o contato mais próximo com os fiéis, nem muito pequeno, que limitasse a variedade de frequentadores; precisaria ser localizado na periferia, para que pudesse trabalhar com um eleitorado pobre e, portanto, próximo da base lulista; e uma igreja de bairro, para que seus frequentadores morassem na região, e não espalhados pela cidade.

Havia diversas dificuldades para cumprir estas condições. Primeiro, a Igreja Universal tem a prática de construir grandes templos em avenidas de larga movimentação, sendo o caso mais exemplar a recente inauguração, em julho de 2014, do Templo de Salomão, um megatemplo no distrito do Brás que abriga a sede mundial da igreja. Isso já dificulta a escolha de igrejas de tamanho médio ou de bairro. Ao mesmo tempo, a Igreja Universal, de acordo com o pesquisador Edin Abumanssur, tem focado os seus esforços em um público em ascensão social¹⁹, acompanhando as mudanças no país, o que poderia significar um distanciamento de estratos sociais mais baixos e, por consequência, lulistas.

Outro fator a ser considerado, embora não fosse impeditivo, era a possibilidade de obter o contato de alguém de dentro da igreja, o que facilitaria o primeiro contato. Após algumas tentativas frustradas, com diferentes contatos, de me levarem às igrejas que frequentavam, uma pessoa conhecida me indicou que a sua prima frequentava a Igreja Universal no bairro de Piraporinha, na zona sul de São Paulo, e que ela estaria disposta a me levar para conhecer o templo. Perguntei, então, sobre o tamanho do templo, o número médio de frequentadores, e a sua localização. O templo não ficava exatamente em alguma avenida movimentada, nem era de grandes proporções, apesar de ser o maior da rua. Nos dias principais de culto, quartas, sextas e domingos, a frequência média era de 70 a 80 fiéis, um número nem muito grande nem muito pequeno, como o desejado para a realização da pesquisa. Bastava, por fim, conferir se o bairro de Piraporinha era tradicionalmente lulista, o que foi confirmado com a votação da zona eleitoral²⁰ na qual o bairro se insere nas eleições de 2010, em comparação com o voto na cidade de São Paulo e com o Brasil, como pode ser visto na Tabela 1.

¹⁹ Entrevista para a Exame em 10 ago. 2014

²⁰ Piraporinha pertence à 372ª Zona Eleitoral no município de São Paulo.

Tabela 1: Votação para presidente nas eleições de 2010²¹

	1º turno	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil
Dilma (PT)	59,20%	38,14%	46,91%	69,58%	46,35%	56,05%
Serra (PSDB)	21,74%	40,32%	32,61%	30,41%	53,64%	43,95%
Marina (PV)	17,85%	20,09%	19,33%			
Plínio (PSOL)	0,90%	1,17%	0,87%			

A votação expressiva da candidata Dilma Rousseff nesta zona eleitoral, em comparação tanto com a cidade de São Paulo quanto com o país como um todo, evidencia haver ali forte apoio à candidata lulista. Olhando para as eleições municipais de 2012, nas quais ocorreu, mais uma vez, a polarização entre PT e PSDB, foi possível constatar de forma reiterada a força do PT na região, como se vê na Tabela 2, seja pela identificação com o partido, personificado por Lula, seja pela memória de gestões petistas anteriores, em particular a de Marta Suplicy, muito citada de forma positiva pelos entrevistados como alguém que trouxe diversas melhorias para o bairro.

Tabela 2: Votação para prefeito nas eleições de 2012²²

	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Piraporinha	São Paulo (capital)
Haddad (PT)	42,31%	28,98%	78,28%	55,57%
Serra (PSDB)	14,19%	30,75%	21,72%	44,43%
Russomanno (PRB)	26,38%	21,60%		
Chalita (PMDB)	12,98%	13,60%		

²¹ Fonte: TSE

²² Fonte: TSE



Figura 1: Mapa da Divisão Territorial da cidade de São Paulo²³. Piraporinha é um bairro que se localiza sob a Subprefeitura de M'Boi Mirim, na Zona Sul de São Paulo, entre os distritos de Jardim São Luís e Jardim Ângela. O bairro pertence à 372ª Zona Eleitoral, junto ao Jardim Ângela.

²³ Fonte: Wikipedia

Como a igreja e o bairro cumpriam as condições buscadas para a realização do estudo, no final de julho de 2014, pouco após o início do período de campanha eleitoral, efetuei minha primeira incursão a Piraporinha para conhecer o templo²⁴. Ele se localizava numa avenida no interior do bairro, onde o número de igrejas evangélicas rivalizava apenas com o número de bares e salões de beleza, perdendo apenas em quantidade para residências comuns. A partir de então, passei a frequentar o templo e a participar dos cultos de forma constante.

Ao longo da pesquisa, foram realizadas cerca de 30 visitas ao templo e ao bairro em um período de 5 meses, sendo que a maior parte se concentrou nos meses de setembro e outubro, mais próximos às eleições. Além disso, foram realizadas 16 entrevistas em profundidade, com duração média de 1h, com 12 fiéis diferentes (quatro entrevistas foram repetidas para esclarecer mudanças no posicionamento do voto). A seleção dos entrevistados utilizou dois métodos: a abordagem direta na igreja, perguntando sobre a possibilidade de realizar uma entrevista com eles; e o método “bola-de-neve”, pedindo indicações de outras pessoas para aqueles que já tinham sido entrevistados. Embora o segundo método tenha sido importante para conseguir mais entrevistas, o primeiro foi crucial para evitar distorções e selecionar perfis de proporção mais equilibrada com os frequentadores da igreja em geral, principalmente de idade e de gênero.

No final, os entrevistados foram 8 mulheres e 4 homens, respeitando proporção próxima à encontrada na igreja, onde as mulheres compunham cerca de 2/3 dos fiéis. O mesmo foi feito quanto à faixa etária, sendo que o entrevistado mais novo tinha 24 anos, e o mais velho, 78 anos. Quase todos tinham renda familiar mensal entre 2 e 5 salários mínimos, com exceção de alguns com renda familiar um pouco acima, em razão do alto número de residentes que trabalhavam, e uma das entrevistadas, cuja renda familiar era entre 1 e 2 salários mínimos.

Apesar da falta de acabamento de todas as residências, o que lhe dá o aspecto típico da moderna favela (ver figuras 5, 8, 9 e 13), por dentro, elas eram bem equipadas, quase sempre com TVs grandes de tela plana, além de eletrodomésticos variados, computadores, videogames, entre outros aparelhos eletrônicos. Nenhum dos

²⁴ Ver figuras e fotos do templo e do bairro de Piraporinha no Anexo.

entrevistados possuía curso superior completo (a maioria sequer possuía o Ensino Médio completo), mas alguns tinham filhos cursando ou já formados em universidades.

4. A Igreja Universal e a eleição presidencial de 2014

Desde o 1º dia da minha ida ao templo, em 25 de julho de 2014, o tema das eleições já era abordado de forma cotidiana pelos pastores no culto. O foco, contudo, manteve-se nas eleições para o Legislativo, em particular para deputados estadual e federal. Os candidatos defendidos pela igreja em Piraporinha eram o pastor Wellington Moura, para deputado estadual, e o bispo Antonio Bulhões, para deputado federal, ambos do Partido Republicano Brasileiro (PRB), ligado a lideranças da Igreja Universal. Reitera-se o uso dos títulos de “pastor” e “bispo”, que, embora não figurassem no “santinho”²⁵ distribuído por membros da igreja, eram lembrados pelo pastor em Piraporinha, seja para pedir que orassem pelo “pastor Wellington” e o “bispo Antonio Bulhões”, seja quando pediam voto diretamente. No caso de Antonio Bulhões, especificamente, um pôster²⁶ logo na entrada da igreja dava detalhes de como entrar em contato com o gabinete do deputado para receber diversos tipos de auxílio, como orientações sobre aposentadoria, rede pública hospitalar, encaminhamento de currículos, etc. A pressão pareceu surtir efeito: dos 12 entrevistados, 11 votaram nos candidatos da igreja para deputados estadual e federal.

Quanto à eleição presidencial, embora a IURD tivesse manifestado apoio a Dilma Rousseff em 2010, não houve, em 2014, qualquer declaração oficial de apoio a candidato a presidência. Mesmo após Dilma ter ido à inauguração do Templo de Salomão²⁷, a direção da Igreja Universal não fez apoios públicos à candidata. Pelo contrário, com a presidente Dilma Rousseff na plateia, o bispo Edir Macedo chegou a fazer críticas a áreas como a saúde e a educação²⁸. A neutralidade chegou a ser questionada, ao ponto de

²⁵ Ver Figuras 2 e 3 no Anexo.

²⁶ Ver Figura 4 no Anexo.

²⁷ Fonte: Folha de São Paulo, 31 jul. 2014.

²⁸ Fonte: Último Segundo, 01 ago. 2014.

surgirem boatos de que o bispo Macedo teria doado R\$ 10 milhões para a campanha de Dilma, o que forçou a página oficial da igreja na internet a se manifestar para negar o ocorrido²⁹.

A verdade é que, ao menos no templo em Piraporinha, a neutralidade da igreja foi seguida à risca. O único momento em que presenciei uma menção à disputa para presidente no templo da Universal na Piraporinha foi menos de uma semana para o 2º turno, quando o pastor comentou que alguns fiéis pediram orientação sobre como votar. Logo, restou ao pastor apenas dizer: “o bispo não recomendou nenhum voto, não é, obreiro³⁰? Então podem votar como vocês quiserem.”

Esta situação criou uma questão inusitada para a pesquisa. Esperava-se analisar o impacto da indicação da igreja para o voto; contudo, ela não surgiu para a eleição presidencial. Se isso apresentava um problema, também criou uma oportunidade: sem a interferência da direção da igreja na decisão do voto dos fiéis, seria mais fácil discernir se o voto seguia um padrão de classe ou se questões morais e a identidade evangélica poderiam ter um peso maior.

As eleições para presidente tiveram momentos bastante diferentes entre os entrevistados. No 1º turno, havia entre a maioria uma insatisfação quanto ao atual governo do PT, por acharem que Dilma não havia feito nada e, alguns, porque seu governo havia roubado muito. Isso se expressava, então, na uma busca por alternativas, sendo Marina Silva – agora pelo PSB, depois do falecimento de Eduardo Campos – a mais cogitada. Num momento posterior, já no 2º turno, restaurada a velha polarização entre PT e PSDB, a questão era se compensava continuar com Dilma, apesar das críticas, ou se insistiam na tese da necessidade de mudança, arriscando o voto em Aécio Neves. A única coisa que os diferentes momentos compartilhavam era o desinteresse geral em acompanhar a política e as eleições.

Entre os 12 entrevistados, no 1º turno, 6 votaram em Dilma, 2 votaram em Aécio, 2 votaram em Marina, 1 votou em Levy Fidelix e 1 justificou o voto. No 2º turno,

²⁹ Fonte: Universal.org, 2 ago. 2014.

³⁰ Obreiros são uma espécie de assistentes voluntários do pastor, que ajudam em tarefas diversas durante o culto, como a coleta do dízimo e nas sessões de descarrego. Para ser obreiro, os fiéis precisam passar por um curso de treinamento.

consolidando-se a polarização entre PT e PSDB, a maioria ficou a candidata petista no poder, sendo que 8 votaram em Dilma (ganhando o voto da eleitora que justificou no 1º turno, e outra que mudou de Aécio para Dilma no 2º turno), enquanto apenas 3 votaram em Aécio (2 dos quais votaram em Marina antes), e 1 pessoa votou nulo (o que votou em Levy Fidelix). Apesar da queda expressiva da votação de Dilma na cidade de São Paulo em comparação a 2010, a Piraporinha manteve-se como um dos redutos do município onde a candidata petista saiu vitoriosa, como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3: Votação para presidente nas eleições de 2014³¹

	1º turno	1º turno	1º turno	2º turno	2º turno	2º turno
	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil	Piraporinha	São Paulo (capital)	Brasil
Dilma (PT)	42,49%	26,06%	41,69%	57,33%	36,17%	51,34%
Aécio (PSDB)	27,27%	43,72%	34,00%	42,67%	63,83%	48,66%
Marina (PSB)	24,48%	23,93%	20,75%			
Luciana (PSOL)	2,74%	3,33%	1,59%			

Apesar da votação na candidata do PT entre os entrevistados, era notável a queda de apoio ao partido nas eleições. Em 2010, 11 dos 12 entrevistados admitiram que votaram em Dilma. Ou seja, embora o apoio à petista continue forte, ele sofreu uma diminuição quatro anos depois, assim como ocorreu no resto do bairro. Além disso, era comum ouvir dos entrevistados o desejo de mudança. Porém, a maioria seguiu um padrão de decidir o voto nas vésperas das eleições, muitos dos quais, por pragmatismo, escolheram votar, enfim, em Dilma, por achar que era melhor dar continuidade ao seu mandato.

5. O voto pela continuidade

³¹ Fonte: TSE

Mesmo entre aqueles que decidiram por votar em Dilma Rousseff, a maioria não estava necessariamente muito satisfeita com o seu governo. Era comum notar uma dificuldade em citar aspectos positivos de seu mandato, e havia uma impressão de que ela não havia feito nada, que o país estava o mesmo, ou pior. Quando o discurso de insatisfação surgia, um tema mencionado negativamente era a “bagunça”, ligada à série de manifestações que tiveram início em junho de 2013. De fato, as jornadas de junho foram fundamentais para a queda da popularidade da presidente, que caiu praticamente pela metade, de 57% para 30%, em menos de um mês³².

Foi o caso de Heloísa, de 30 anos, uma auxiliar de operações numa empresa de segurança que realiza transporte de dinheiro. Na prática, seu trabalho era contar e conferir se o dinheiro estava correto, o que lhe fornecia uma renda de 2 salários mínimos por mês³³. Heloísa era casada, embora não oficialmente, há 4 anos, não tinha filhos, e morava numa casa construída por seus pais no andar de cima à deles. Seu marido, um eletricista, ganhava um valor equivalente a ela, fazendo com que, juntos, tivessem uma renda familiar de cerca de 4 salários mínimos.

A princípio, no 1º turno, Heloísa classificou os candidatos a presidência como “figurinhas repetidas”, exceto Aécio, à quem ela não conhecia. Sendo assim, ela estava inclinada a anular seu voto para presidente. Apesar da visão positiva de Lula, e de ter votado em Dilma em 2010 por seguir a indicação do ex-presidente, Heloísa guardava opiniões bem negativas sobre o governo dela, que parecem ter sido herança da insatisfação com as manifestações de junho de 2013:

- “O governo Dilma... eu acho que, assim, foi uma época meio turbulada (sic). De greve, passeata, né? Aí ajudou um pouco, mas eu acho que foi o pior que teve, né? Muita bagunça, muita greve, muita perturbação.”

- “Pior que teve desde quando?”

- “Eu acho que foi o pior de todos (risada). Desde a época que eu me conheço por gente.” (Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

³² Fonte: Estadão.com.br, 29 jun. 2013.

³³ O salário mínimo em 2014 era de R\$ 724,00 (Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego).

O discurso de apego a ordem não é novo na política brasileira. É um discurso similar ao que Pierucci (1999) encontrou em seu estudo entrevistando eleitores paulistanos de classe média baixa e de direita nos anos de 1986 e 1987. Embora reconhecessem o direito a greve – assim como Heloísa reconhecia – eram contra tudo que acabasse em “bagunça”. Para ela, os prejudicados quando as coisas saíam do controle eram sempre os mais pobres.

Apesar disso, Heloísa diminui o tom pessimista em outro momento, reconhecendo que o governo Dilma havia feito coisas boas pelo “sertão” – seus pais, aliás, eram ambos migrantes da Bahia. Em relação ao Bolsa Família, Heloísa também demonstrava uma opinião positiva. Isso ocorria especialmente porque, de acordo com ela, seu pai era beneficiário do programa por sofrer de alcoolismo, o que, portanto, o impedia de trabalhar. Assim, o programa seria “ótimo” para pessoas que precisa, como o seu pai.

Heloísa acreditava, naquele momento, há alguns dias do 1º turno, que Marina iria ganhar, por achar que, como ela veio de baixo, que as pessoas iriam pensar “que ela sabe o que o povo passou”. Mesmo assim, ela não sentiu “firmeza” na candidata e, portanto, não se sentia impelida a votar nela. Ao ser entrevistada novamente um dia antes do 2º turno, Heloísa admitiu, entretanto, que havia desistido da ideia de votar nulo no 1º turno, e acabou votando em Aécio Neves. Porém, após assistir ao último debate na Rede Globo, ela acabou mudando seu voto mais uma vez, declarando apoio a reeleição de Dilma. Quando questionada por quê, ela disse:

- “Olha, como eu falei, a Dilma ajudou muito o pessoal do Nordeste, né? É uma coisa boa, entendeu? Agora, tipo assim, ela entrou numa época de crise. Então... eu acho que ela está dando continuação, ela está fazendo bem. Mas acho que se São Paulo não tivesse tanta crise assim, tanta bagunça... São Paulo não, o Brasil todo, tanta bagunça dessas coisas assim, ela ia fazer mais coisas. Então teve oportunidade, né? Mas quem sabe... Agora está mais calmo, ela consegue.”
(Heloísa, 30 anos, auxiliar de operações)

Assim como Heloísa, que acabou mudando seu voto para Dilma apesar das ressalvas quanto ao seu governo, uma tendência encontrada foi que a maioria dos entrevistados que votou na petista (5 dos 8) relatou receber, já ter recebido, ou conhecer algum familiar próximo que recebesse ou já tivesse recebido algum auxílio por meio do

Bolsa Família. Entre os outros 4 entrevistados que não votaram em Dilma no 2º turno, apenas 1 tinha algum familiar próximo que recebia o Bolsa Família e, mesmo assim, ele decidiu por votar nulo. Isso vai de acordo com o encontrado por Yan Carreirão (2007) nas eleições de 2006, quando ser beneficiário do Bolsa Família, ou conhecer alguém próximo que o fosse, aumentava a propensão de votar no candidato petista. Em sua pesquisa, Carreirão encontrou que a intenção de voto em Lula subiu de 39% para 56% entre quem conhecia alguém próximo que recebesse o Bolsa Família, e para 62% para quem o recebesse diretamente.

Outro entrevistado a citar o Bolsa Família é Nelson, um técnico de rede de 24 anos. No seu trabalho, ele realiza manutenção em redes de fibra ótica nas ruas e na casa de clientes. É um trabalho com carteira assinada, com o qual ele ganhava R\$ 1.300,00 – o equivalente a quase dois salários mínimos – mais alguns adicionais de hora extra, o que poderia levar, em alguns meses, ao total de R\$ 2.000,00. Nelson mora com os pais e dois irmãos, um dos quais é empregado pela mesma empresa, enquanto o outro trabalha na mesma área, embora numa empresa diferente. Seu pai é ajudante geral no aeroporto de Congonhas, e a sua mãe cuida da casa. Juntos, Nelson relata que possuem uma renda familiar próxima a R\$ 5.000, para uma residência com 5 pessoas. Dos entrevistados, foi o que possuía a maior renda familiar, o que é compreensível, já que 4 dos 5 moradores da casa trabalhavam fora.

Nelson afirmou não se interessar muito por política, mas tinha uma visão positiva de Lula, cujo governo, de acordo com ele, havia sido “bom pra caramba”. Quando tinha por volta de 16 anos, sua família passou por dificuldades financeiras. Em razão disso, houve um momento no qual chegaram a receber o Bolsa Família. Este tópico aparece na sua fala ao responder o que achava do governo Dilma:

- “Foi mais ou menos, tanto bom como ruim.”

- “*O que teve de bom?*”

- “Bom, foi algumas coisas (sic) que colocou, ela continua esse negócio da Bolsa Família, ela continuou com esse projeto, porque muitas pessoas realmente depende, não tem um trabalho que ganha muito bem. E esse Bolsa Família ajudou eles. Então essas coisas aí ajudam pra caramba. Como a gente já

teve, quando eu estudava eu tinha essa Bolsa Família, e ajudava muito a gente.”
(Nelson, 24 anos, técnico de rede)

Como muitos dos entrevistados, há algumas semanas do 1º turno das eleições, Nelson estava indeciso quanto ao seu voto. Por um lado, simpatizava com a figura de Marina; por outro, reconhecia que havia coisas boas no governo Dilma, embora sem muito entusiasmo. Assim, disse que votaria em uma das duas, já que nem conhecia os outros candidatos. E, de fato, apenas nas vésperas das eleições, ele decidiu votar em Dilma, tanto no 1º quanto no 2º turno.

Dos 8 entrevistados que votaram em Dilma, ao menos 3 deles não citaram terem sido ou serem beneficiários de programas sociais do governo federal, assim como não tinham familiares próximos que participavam deles. Todavia, essas 3 pessoas tinham algo em comum, pois seus filhos ou netos puderam ter a oportunidade que eles não tiveram de ir à universidade. O caso mais emblemático foi o de Fátima, de 59 anos. Antigamente, ela trabalhava numa clínica de cardiologia prestando serviços gerais, como faturamento, entrega de guias, etc. Porém, ela padeceu de um câncer de mama e ficou afastada do serviço. Ao voltar, o trabalho que fazia havia sido terceirizado, e ela ficou sem emprego. No período da entrevista, ela trabalhava como diarista, além de costureira, e recebia uma ajuda financeira da filha. Em sua casa, ela morava junto a sua mãe, uma irmã e seu genro. Sua renda individual era cerca de R\$ 1.000,00, e a renda familiar mensal de cerca de R\$ 4.000,00.

Apesar de ter quatro filhos, todos eles já moravam fora de sua casa. Uma delas, inclusive, a mais velha, tinha ensino superior completo, tornando-se advogada, fato do qual Fátima se orgulhava muito. De todos os entrevistados, Fátima mostrou-se a eleitora mais convicta do PT e a mais interessada em acompanhar política no seu dia-a-dia. Ao ser questionada por que o PT era o seu partido de preferência, ela respondeu:

“Por que eu acho que ele, nos últimos 10 anos, trabalhou muito para a nossa classe pobre, né, vamos dizer assim, pro pobre. Eu acho que mudou muito, porque eu posso te dizer que há 10 anos atrás, se fosse agora aquela política de 10 anos atrás, eu não teria uma filha advogada. Ela nunca ia poder estudar. A filha dessa senhora que está ali, ela é formada, também, o marido é formado. Eu tenho duas outras sobrinhas formadas, eu tenho vários sobrinhos meus formados depois

dessa política. Eu não vou te dizer que eles participaram do Prouni, não vou te dizer que eles estudaram sem pagar. Pagaram sim, mas tiveram condições de pagar. E antigamente, a gente nem podendo pagar a gente conseguia ter a faculdade. Não fazia faculdade.” (Fátima, 59 anos, diarista)

Assim, o voto dos eleitores de Dilma pautou-se muito pelo pragmatismo de ver melhoras tanto em suas vidas quanto na de seus familiares. Apesar de muitos flertarem com a ideia de mudança, nas vésperas das eleições, a maioria decidiu seguir com o PT, embora sem tanto entusiasmo, por descrença que o outro candidato fosse uma alternativa melhor.

6. O voto pela mudança

Nem todos, contudo, pensaram da mesma forma. Dos 4 eleitores que não votaram no PT, foi possível identificar uma tendência: 2 deles possuíam a renda individual maior que a de todos os outros entrevistados. E nem mesmo o histórico de voto no PT foi o suficiente para repeti-lo nestas eleições.

Foi o caso, por exemplo, de Tarcísio, de 39 anos. Ele nasceu na Bahia e veio para São Paulo junto com a família em 1993. Inicialmente católico, começou a frequentar a Igreja Universal por volta de 1998, junto a um amigo. Há pouco mais de um ano, distanciou-se da igreja e teve depressão, inclusive tentando suicídio, o que ele alega ter sido fruto de um “trabalho” contra ele, de alguém com inveja, e também em razão do seu passado, por adorar imagens na Igreja Católica, o que “quase destruiu” a sua vida. Todavia, com a ajuda dos pastores e obreiros, que vieram à sua casa para orar, e tomando remédios contra a depressão, ele conseguiu se recuperar, voltou a frequentar a igreja e, hoje, trabalhava como montador de móveis para uma grande loja de departamentos. Seu salário, sem descontos, dava cerca de R\$ 3.000,00, e depois dos descontos, sobrava algo próximo a R\$ 2.100,00. Sua esposa, uma auxiliar de limpeza, ganhava R\$ 800,00, o que lhes davam uma renda familiar mensal de quase R\$ 3.000,00 para sustentar os dois, um filho do casal e dois filhos dela de outro relacionamento. Individualmente, Tarcísio tinha um dos salários mais altos entre os entrevistados.

Sobre as eleições, Tarcísio demonstrava ter algum grau de insatisfação com o governo Dilma, mas no momento da entrevista, uma semana antes do 1º turno, e de forma similar à maior parte dos entrevistados, ainda não sabia em quem votar para presidente. Em consonância com os outros entrevistados, ele também não gostava de política, acreditando que os políticos só surgiam em épocas de eleições para conseguir votos. Mesmo assim, nutria simpatia pelo ex-presidente Lula, achando que ele tinha sido um bom presidente em razão da sua origem como trabalhador. Quando perguntado sobre a sua opinião em relação ao PT, a resposta foi surpreendente:

“É um partido que eu me identifiquei mais. Os políticos, as propostas deles, o jeito deles serem, eles falarem, né? Esses outros partidos eu não conheço bem. [...] O PT é um partido que luta pelo povo mesmo, entendeu? Por isso que eu me considero um petista mesmo.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

De qualquer modo, quando perguntado se achava que a política influenciava a sua vida, a resposta foi negativa. De fato, na sua fala, em nenhuma vez aparece a menção a algum programa social realizado pelo governo do PT. Ele reconhecia que o governo Lula tinha feito algo pelos mais pobres; porém, na sua vida, nada teria mudado. E mesmo toda a simpatia em relação ao PT não foi suficiente para votar no partido nestas eleições. Tarcísio, no 1º turno, acabou decidindo votar em Marina, nos candidatos da igreja para deputados estadual e federal, e em Alckmin e Serra para governador e senador, respectivamente. No 2º turno, ele demonstrou ainda mais insatisfação com Dilma, alegando que ela só tinha sido eleita por causa do Lula, e que não tinha vontade própria. Em suas palavras:

“Votei na Marina porque a Dilma estava muito com conversa fiada. Estou vendo essas conversas da Dilma aí, a Dilma não decide o que quer da vida. Uma hora ela está na Igreja Universal com o Bispo Macedo, outra hora a Dilma está na Igreja Católica junto com os padres lá. Ah, a Dilma não sabe o que quer, não. E ela está dizendo que, se ganhar, vai liberar a maconha.” (Tarcísio, 39 anos, montador de móveis)

Sabe-se lá onde ele viu ou ouviu que a Dilma legalizaria o uso da maconha. É interessante, todavia, como uma pessoa que se via como petista acabou votando somente em candidatos de oposição ou da igreja. A lealdade pertencia mais a Lula, e menos a

Dilma e ao PT. Dilma, em sua visão, apenas continuava o que Lula tinha feito, e não fazia as coisas por conta própria. Assim, Tarcísio declarou o voto em Aécio Neves no 2º turno, apesar do voto consistente em Lula e Dilma nas eleições passadas. Para ele, Dilma “fala muito, só falação, só.”

Essa “falação”, de falar que o PT ajudava os mais pobres sem sentir essa diferença na pele, foi o que levou a ajudante geral Gabriela, de 25 anos, a votar em Aécio também. Gabriela veio do Maranhão com a irmã depois que seu pai faleceu, já que sua mãe já morava em São Paulo, no bairro de Piraporinha. Porém, na adolescência, sua mãe teve câncer, e foi nesta época que ela começou a frequentar a IURD, já que obreiros foram até a sua casa e ofereceram rezar pela cura de sua mãe. Sua mãe acabou morrendo, e hoje, ela morava em uma casa simples com um de seus irmãos. No momento da entrevista, ela estava um pouco distante da igreja, mas alegava ser por causa do trabalho, pois sua fé continuava a mesma.

Na eleição de 2014, Gabriela deixou claro que não votaria em Dilma, apesar de reconhecer que o PT governava para os mais pobres e admitir que Lula tinha sido um bom presidente. Quando questionada se tinha algum partido político de preferência, ela expressou seu desgosto com o PT:

- “Não, eu não tenho não. Eu só não gosto do PT. Nunca gostei.”

- “*Por quê?*”

- “Ai, sei lá. Assim, até que o Lula entrou, fez alguma coisa, sabe, pela gente. É, o PT até que fez alguma coisa, por causa do Lula. Mas a Dilma... [...] Acho que esse pessoal do PT fala demais e não faz nada. O único que conseguiu fazer alguma coisa foi o Lula. O único. Fez um pouquinho, pelo menos fez um pouco. Mas os outros só fizeram besteira.” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Gabriela admitiu que, em 2010, votou em Serra no 1º turno, e queria continuar votando nele; porém, como a igreja pediu votos para Dilma, ela votou na candidata petista no 2º turno. Agora, sem que a Igreja Universal manifestasse um apoio oficial a qualquer um dos candidatos, ela se afastava, definitivamente, do apoio ao PT, embora admitisse que votaria em Lula caso fosse ele o candidato. Assim, no 1º turno de 2014, ela votou em Marina, por simpatia em relação à sua origem humilde, o que, supostamente, torná-la-ia

mais preparada por conhecer melhor a situação vivida pelos mais pobres. No 2º turno, insistindo na sua aversão à candidata do PT a reeleição, Gabriela escolheu votar em Aécio, mesmo citando a fama do candidato e a de seu partido de governar para os mais ricos:

“Ai, não gosto da Dilma. Eu não vou votar nela, não vou votar de jeito nenhum. Tudo bem que todo mundo fala: ‘Ai, que o Aécio, ele é do partido que faz só coisa pra gente rica.’ Que o partido que o Aécio está é partido de gente rica. Né? Então ele não vai fazer nada pelos pobres. Eu falei assim: ‘se ele não for fazer nada pelos pobres, a Dilma não fez nada, então vai dar na mesma.’ E a Dilma eu não gosto, ela fala muito que fez isso, fez isso, mas não fez nada. Trouxe a Copa pro Brasil, gastou milhões em estádios, tem estádio aí parado, e a saúde? E a saúde?” (Gabriela, 25 anos, ajudante geral)

Talvez a lembrança da saúde viesse do falecimento de sua mãe. De qualquer forma, na realidade, Gabriela se sentia desamparada por um governo que dizia atender a seus anseios. Nenhum programa social apareceu em sua fala, e até mesmo o emprego que ela conseguiu, como ajudante geral em uma padaria, cujo salário era de R\$ 1.075,00, foi obtido graças a indicação de um obreiro. Ou seja, nos seus momentos mais difíceis, na saúde e no emprego, foi a igreja que a auxiliou, não o governo (ao menos para ela). Não surpreende, portanto, que ela seguisse disciplinadamente a orientação da igreja quanto ao voto.

7. Voto e identidade evangélica

Um aspecto curioso presente em quase todos os entrevistados era a pouca importância dada ao fato de um candidato ser ou não evangélico. Para os cargos de deputado estadual e federal, ser evangélico havia uma importância maior, talvez influenciados em grande parte pelo discurso promovido pelos dirigentes da igreja. Para presidente, entretanto, a religião não parecia ter tanta importância. Citavam que o fato de ser evangélico trazia mais confiança, por ser uma pessoa de Deus, mas que isso não era o

suficiente para determinar o voto. O que é curioso, todavia, é que a maioria não sabia da presença de candidatos evangélicos no pleito presidencial. Tarcísio, por exemplo, ressaltou em sua fala o benefício de um político ser evangélico, pois ele ajudaria as igrejas evangélicas, já que as católicas já seriam favorecidas pelo governo. Mesmo assim, para ele, há muitos que dizem ser evangélicos, “mas não temem a palavra de Deus”.

Bárbara, uma vendedora de 33 anos, foi outra que repetiu argumentos similares aos de Tarcísio. Embora ser evangélico fosse uma vantagem, isso não seria o bastante, pois ainda havia a questão da confiança. Muitos poderiam ser evangélicos, mas era fundamental conhecê-los bem (papel que a igreja cumpria apresentando seus candidatos). Indagada se a presença de um evangélico no pleito influenciaria a sua escolha, Bárbara respondeu:

“Não, eu não ia me deixar influenciar porque é evangélico, porque nem sempre só porque a pessoa é evangélica significa que ela tem boas intenções. Entendeu? Nem sempre. De repente, naquele cesto, ela é a única maçã podre. Então assim, por isso que eu falo, pelo um lado, é bom? É. Mas a partir do momento que é evangélico, certo que eu acho que a maioria deles, pelo o que eu vejo eles falarem, as atitudes, o jeito de pensar e agir, eu acho que a maioria é ateu, eu acho, que a maioria é ateu.” (Bárbara, 33 anos, vendedora)

Apesar de tudo, Bárbara conseguia citar pelo menos um candidato à presidência que era evangélico, o Pastor Everaldo, do PSC, mas apenas pelo “pastor” no nome, porque admitiu não conhecê-lo antes. Mesmo assim, sua opinião era de que o candidato era “surreal”, mais preocupado com a vida sexual dos outros do que com questões como saúde, educação e segurança. De fato, quando indagados sobre saberem se algum candidato era evangélico, os poucos que conseguiam citar algum falavam do Pastor Everaldo. Porém, quando ele não era levado a sério por causa de suas ideias, ele era desconsiderado por não ter chances reais de vitória.

Quanto a Marina Silva, curiosamente, nenhum dos entrevistados demonstrou saber que a mesma era evangélica (mesmo entre quem votou nela, como Gabriela), ou deu muita importância à sua religião. É possível que este seja um aspecto particular à Igreja Universal, por não focar nesta questão em candidatos à presidência como em outras igrejas. Ao mesmo tempo, é verdade que Marina pouco utilizou sua religião como mote

de campanha, diferentemente de Anthony Garotinho em 2002. Se assim fizesse, talvez conseguisse angariar mais votos entre estes entrevistados; por outro lado, poderia perder o apoio de segmentos mais progressistas, que defendem a laicidade do Estado. Como não o fez, torna-se difícil, portanto, de prever o que poderia ter ocorrido.

8. Considerações finais sobre os resultados preliminares

A partir da observação em campo e dos casos citados, é possível suscitar algumas possíveis conclusões. Entre os entrevistados, é possível notar um lulismo enfraquecido: mantém-se um apoio ao PT; porém, este encontra-se abalado pelo fato de que os resultados práticos do governo Dilma foram percebidos como ruins pelos fiéis estudados. O lulismo permanece principalmente entre aqueles que foram beneficiados por programas sociais como o Bolsa Família, ou entre quem conhece alguém próximo que também foi, além das pessoas que veem seus filhos e netos tendo oportunidades que eles não tiveram, como a de ir à universidade. Por outro lado, aqueles com maior renda individual sentiram menos o impacto do governo Dilma, o qual não teria feito diferença em suas vidas nem para o bem, nem para o mal, o que os afastou de continuar apoiando o PT, levando-os a aderir a ideia da mudança. Mesmo quem não tinha uma renda acima da média, como foi o caso de Gabriela, não sentia mudanças significativas em sua vida, e o discurso do PT que dizia o contrário desmotivava o voto no partido.

Ademais, a falta de uma orientação, partindo da direção da igreja, em relação à eleição para presidente dificulta afirmar se os fiéis também seguiriam a indicação, assim como fizeram em grande parte quanto aos cargos de deputados estadual e federal. Ainda assim, conforme foi possível apurar nas entrevistas, a indicação da igreja tem um peso grande na decisão do voto, por confiarem na orientação dos pastores. Um peso maior, inclusive, do que um possível pertencimento do candidato à religião evangélica. Mesmo admitindo que Marina não se utilizou da religião para fazer campanha, os entrevistados não buscaram se informar a respeito, nem ressaltaram a importância disso em suas falas. E, para completar, ainda havia o Pastor Everaldo, que era desconsiderado seja por suas ideias incompatíveis com a visão de mundo deles, seja por considerarem que ele não teria

chance alguma de vitória. As questões morais pouco apareceram também em seus discursos, e muito mais para discutir o voto para deputado, não para presidente. Portanto, os achados deste trabalho contrariam a tese de Bohn (2007) de que os evangélicos como um todo agiriam como um grupo de identidade, votando em candidatos evangélicos quando estes estivessem presentes em pleitos majoritários.

É interessante notar também um fenômeno que parece ocorrer entre os entrevistados. A falta de percepção de grandes melhorias em suas vidas nos últimos anos do governo Dilma provoca um certo descolamento entre a figura de Lula e a de Dilma e do PT. Se, em 2010, a base lulista seguiu a indicação do voto em Dilma, em 2014, ela continuou em grande parte com a petista pelo pragmatismo de temer grandes mudanças, mas sem o mesmo entusiasmo e adesão de antes. A figura de Lula permanece superior àquela do partido; ou seja, Lula fez um bom governo, não necessariamente o PT.

Apesar do apoio majoritário a Dilma no 2º turno, ressalta-se a busca por candidaturas alternativas no 1º turno. A princípio, houve um encantamento por Marina Silva que foi perdendo força conforme as eleições se aproximavam, muito em razão da falta de firmeza nas suas posições, como alegaram os entrevistados. Somente no 2º turno, reestabelecida a polarização entre PT e PSDB, os fiéis adotaram uma postura mais pragmática e retornaram para a candidata petista, embora com menos força do que em 2010.

Anexo: Imagens e fotos da igreja e de Piraporinha



Figura 2: Frente do “santinho” dos candidatos Wellington Moura e Antonio Bulhões.



Figura 3: Verso do “santinho” dos candidatos, indicando seus números na urna, e com o espaço em branco para os cargos de Senador, Governador e Presidente.



Figura 4: Pôster na entrada da igreja sobre o gabinete do dep. Antonio Bulhões e seus serviços prestados.



Figura 5: Vista lateral da entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha.



Figura 6: Entrada da Igreja Universal no bairro de Piraporinha.



Figura 7: Culto em um domingo na Igreja Universal no bairro de Piraporinha.



Figura 8: “Campinho” no bairro de Piraporinha. Conforme relatado por uma fiel, em tempos passados, era um ponto de tráfico de drogas e assassinatos.



Figura 9: Escadaria no “campinho” no caminho à rua de uma das entrevistadas.



Figura 10: Bandeira de campanha de Dilma, a poucos dias do 2º turno.



Figura 11: Praça em Piraporinha após a descida na Estrada do M'Boi Mirim a poucos dias do 1º turno.



Figura 12: Praça em Piraporinha, onde realizam uma feira, a caminho da igreja.



Figura 13: Rua a caminho da igreja, no bairro de Piraporinha.

Referências bibliográficas

BOHN, S. R. **Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006)**. In: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 13, nº2, p. 366-387. Nov. 2007.

CARREIRÃO, Y. S. **A eleição presidencial de 2006: uma análise preliminar**. IN: *Política & Sociedade*, v.6, p. 91-116, 2007.

CARTA CAPITAL. **“Irmão vota em irmão”**: a base do voto de Marina Silva. 17 set. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/201cirmao-vota-em-irmao201d-a-base-do-voto-de-marina-silva-3009.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

ESTADÃO.COM.BR. **Em carta, Dilma assina compromisso contra o aborto**. Brasília, 15 out. 2010. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-carta-dilma-assina-compromisso-contra-o-aborto,625257>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Popularidade de Dilma cai de 57% para 30%, indica Datafolha**. 29 jun. 2013. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,popularidade-de-dilma-cai-de-57-para-30-indica-datafolha,1048373>. Acesso em: 09 abr. 2015.

EXAME.COM. **A nova formula da Universal para cativar a classe média**. 10 ago. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/a-nova-formula-da-universal-para-cativar-a-classe-media>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Classe C de resultado**. São Paulo, 04 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0410201082.htm>. Acesso em 09 abr. 2015.

_____. **PT estuda tirar aborto de programa para estancar queda de Dilma entre religiosos**. São Paulo, 05 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0510201009.htm>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **Líderes evangélicos duelam por aliados**. São Paulo, 22 out. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2210201024.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

G1.COM.BR. **Após debate, Dilma defende criminalização da homofobia.** Brasília, 01 set. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2014/noticia/2014/09/apos-debate-dilma-defende-criminalizacao-da-homofobia.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

_____. **População católica no Brasil cai de 64% para 57%, diz Datafolha.** São Paulo, 21 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/populacao-catolica-cai-de-64-para-57-diz-datafolha.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

IBGE. **Censo Demográfico 1980**, Brasília: IBGE, 1980.

_____. **Censo Demográfico 1991**, Brasília: IBGE, 1991.

_____. **Censo Demográfico 2000**, Brasília: IBGE, 2000.

_____. **Censo Demográfico 2010**, Brasília: IBGE, 2010.

ISTOÉ. **“Nós fizemos e sabemos como continuar a fazer” – Parte 2.** Nº Edição: 2113, 07 mai. 2010. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/71512_NOS+FIZEMOS+E+SABEMOS+COMO+CONTINUAR+A+FAZER+PARTE+2. Acesso em: 09 abr. 2015.

LEECH, B. **Symposium: Interview Methods in Political Science** IN: *PS: Political Science and Politics* 35(4), 2002.

LIPSET, S. M. **O homem político.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MACHADO, M. D. C. **Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010.** IN: *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 7, Jan./Abr. 2012.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** IN: *Estudos Avançados* 18 (52), p. 121-138, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Salário Mínimo.** Disponível em: http://portal.mte.gov.br/sal_min/. Acesso em: 09 abr. 2015.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença.** São Paulo: Editora 34, 1999.

SINGER, A. V. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos de lulismo**. IN: Fundação Perseu Abramo/Fundação Friedrich Ebert. (Org). *Classes? Que classes?* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 21-38, 2013.

TSE, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL.

ÚLTIMO SEGUNDO. Diante de Dilma e Alckmin, Edir Macedo fala em “fracassos na saúde e segurança”. São Paulo, 01 ago. 2014. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-07-31/diante-de-dilma-e-alckmin-edir-macedo-fala-em-fracassos-na-saude-e-seguranca.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

UNIVERSAL.ORG. Universal desmente doação de bispo Macedo à Dilma. UNIcon, 02 ago. 2014. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2014/08/02/universal-desmente-doa%C3%A7%C3%A3o-de-bispo-macedo-a-dilma-30635.html>. Acesso em: 08 abr. 2015.

WIKIPEDIA, Divisão territorial e administrativa da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Mapa_sp.png>. Acesso em: 11 dez. 2014.